



Hiper-hiatos: a construção de sentido por meio do intervalar¹

Maria Angélica Souza Ribeiro²

Mestranda integrante do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (PUC-SP)

Resumo

A lógica hipertextual, orientada por nexos associativos não-lineares, favorece certa cartografia de navegação menos ocupada com mapas e representações que com desvios inopinados e estados de deriva. Na mão inversa, o pensamento ocidental inaugurou a ordem como ágnus-dei do século XIX, desde Descartes (e o nascimento da filosofia moderna) aos binarismos e as atividades meramente especulativas do espírito científico. Já o dialogismo permite entrever na relação entre termos, aparentemente antagônicos, vetores de complementaridade. As noções de abertura dialógica e complicação de binariedades, quando trasladadas para o interior de ambientes hipermidiáticos, favorecem uma abordagem fenomenológica do objeto de pesquisa. Beneficiam, sobretudo, o campo da comunicação – ele próprio – como objeto a ser examinado. O que implica, de modo abreviado, em interligar o não-relacional da descoberta científica (programa do signo artístico aplicado às competências epistêmicas) e as estruturas externas (de origem sistêmica ou o entorno como híbrido de linguagens).

Palavras-chave

Dialogismo; epistemologia da comunicação; hipermídia, Peirce e semiótica.

1. PENSAR NÃO É UM AUTO-DE-FÉ:

Na década de 1960, o filósofo e sociólogo americano, Theodor Nelson teria cunhado, pela primeira vez, o termo hipertexto. Anunciara, profético, certa feita:

(...) as idéias não precisam ser separadas nunca mais (...) Assim, eu defino o termo hipertexto simplesmente como escritas associadas não seqüenciais, conexões possíveis de seguir, oportunidades de leitura em diferentes direções (Nelson apud Leão, 2005:21).

Plano diverso havia sido arquitetado por Ele, milênios antes, quando nos puniu – passado o Dilúvio – com a pluralidade de línguas. Por que os povos da Terra quiseram dominar o que não lhes era de direito, os céus, Deus deu por bem confundir-nos o

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho, na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Formada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da mesma instituição.
donamariaribeiro@gmail.com



idioma adâmico. Assim estaríamos impedidos de trabalhar em concerto, de modo que não multiplicaríamos nossos poderes (Manguel, 2006:25).

De fato, se compartilhantes do mesmo código lingüístico, por extensão, haveríamos de supor o universo como unidade cosmogônica. E, num raciocínio lógico sem grande custo, o chão batido nos pertencendo, da mesma forma, o dossel celeste. O monoglotismo deu em um monólito espacial indiviso. O que não deixa de ser tradução interessante, em que pese a justaposição de um sistema sígnico verbal sobre dada extensão física. Voltaremos ao tema, oportunamente, quando – em 2008 - duas torres de 157 metros impedem que muçulmanos prestem honras a Maomé.

Outra narrativa que nos reserva a história, conta sobre a biblioteca de Alexandria, obra dos reis ptolemaicos, construída no século III a.C. Sua origem é, em si, matéria para nota. Em Carta de Aristeas, documento datado do século II a.C., o rei Ptolomeu I teria redigido “a todos os soberanos e governantes da Terra” solicitando a remessa de todo tipo de livro de todo tipo de autor, “poetas e prosadores, retóricos e sofistas, doutores e advinhos, historiadores e todos os outros também” (Manguel, idem:27). Alexandria é o sonho da Babel pré-diluviana, arranjo unissonante das coisas do mundo.

O Instituto Internacional de Bibliografia, fundado nos anos 1930 por Paul Otlet e Henri de La Fontaine, mantinha em vista à criação de um repertório bibliográfico universal, catalogando todas as obras de todos os tempos, de todos os países, abrangendo todos os domínios, separados por autores e assunto (Santaella, 2007:302). A fim de ordenar aquelas coisas do mundo, Otlet e La Fontaine, aprimoraram o método de classificação decimal, ideado pelo americano Melvin Dewey. Dewey, inclusive, nada obstante o capítulo tratar de nexos associativos, merece breve desvio, conquanto seja parte indissociável do trajeto.

Em 1873, aos 22 anos, e insatisfeito com os métodos arbitrários de classificação, Dewey viu nos decimais uma alternativa ao arranjo alfabético (de exemplares fiéis ao abecedário, sucedidos em prateleiras) “sem nenhuma atenção aos temas”. A vantagem



do método³, segundo Manguel (2006:58), consiste no fato de que cada divisão pode ser submetida a incontáveis divisões ulteriores. O próprio Deus pode ser subdividido em seus atributos e avatares, e cada atributo ou avatar pode sofrer outras fragmentações.

Então, Ele, que não tem nome, ainda assim foi convertido em frações litúrgicas, todas elas expositoras da Sua nova raia espectral. Uma vez auferida certidão de nascimento ao Uno, uma vez apontado o Panóptico, o ser do / no pensamento pode restabelecer o vínculo entre o gozo íntimo e a imensidão intraduzível. Na sua Poética, Aristóteles (1999:40) dá a esclarecer: o aprendizado apraz não só os filósofos, mas também aos demais homens, embora a estes ele (o prazer) seja menor. Se olhar as imagens proporciona deleite, é porque a quem contempla sucede aprender e identificar cada uma delas; dirão, ao vê-la, “esse é Fulano”.

Esse é Fulano, qual seja, um pronome demonstrativo (o que indica proximidade), um verbo (classe gramatical designadora de ação e, por ora, também constituinte de elemento predicativo) e Um Sujeito (Indeterminado, sim, ainda que Não-Oculto). Esse é Fulano que encana a torrente sígnica que nos atravessa. Esse é Fulano, inscrita na vulgata gramatical, sentença relativamente coesa e coerente de signos linguísticos (Santaella, 2007:285), dada à duplicação tanto quanto ao armazenamento e, portanto, às operações da memória. Ou, para falar como Benjamin Lee Whorf (apud Hayakawa, 1977:263), lingüista americano, a operação segue da seguinte maneira: um fluxo caleidoscópico de impressões nos oferece à vista a Natureza (aqui como conjunto de coisas presentes no mundo) e é organizado segundo os códigos que regem nossa língua vernácula.

No artigo Cidade: imaginário de mil imagens, Ferrara (2000:37) adensa o tema: “o pensamento se constrói na construção da linguagem. Nosso exercício de conhecimento está ligado às linguagens de que dispomos para o jogo reflexivo da razão (...)”. Portanto, tão abreviado o sistema de signos que operam as mediações entre o eu e o outro (a Natureza), tão restrita a capacidade para tracejar novos mapas cognitivos. Incorpora-se ao exame, por ocasião da resenha *The Works of George Berkeley: A*

³ Sobre a classificação decimal de Melvin Dewey, Braga (apud Santaella, 2007:303) informa: *o universo das coisas é dividido em dez classes principais numeradas de 0 a 9 e cada um deles é subdividido em outras dez e assim sucessivamente, tanto quanto a precisão do assunto exija.*



Edição de Fraser, autoria de Peirce (2005:329), em idos de 1901, o excerto: “nada que podemos conhecer ou mesmo pensar pode existir fora da mente⁴”.

De modo que, a fim de desafiar a percepção receptiva é preciso fazer habitar - no pensamento – mecanismos de desmontagem referencial (Ferrara, idem:41). O dentro como prolonga do fora. Quando Cortázar (2006) diz, “escrever é desenhar minha mandala e ao mesmo tempo percorrê-la”; Deleuze (1992:106) exclama, “a lógica de um pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio”. Entre um e outro o inesgotável campo de significações abrigado nas possibilidades da experiência, e sua incompatibilidade com o caráter das formas ideais e exatas da representação (Basbaum, 2005:281).

2. SUPERFÍCIES – MANDALA: DIÁLOGOS ENTRE O ESPAÇO E O IMAGINÁRIO:

Edição de 24 de setembro de 2008, seção Internacional da revista Isto é, assim, em caixa-alta: TEMPLO DA DISCÓRDIA. No lead, lia-se: “embora 12% da população de Colônia, na Alemanha, seja muçulmana, construção de mesquita acirra manifestações de intolerância”.

Há 128 anos, uma catedral gótica, cuja construção ocupou mais de seis séculos do calendário alemão, ostenta duas torres de 157 metros de altura no horizonte da cidadela de nome Colônia. Já dois minaretes de 55 metros, 3 quilômetros distantes da catedral, assistiram a 3 anos de manifestações a favor e contra, desde que o Conselho da cidade decidisse aprovar a obra.

A contenda alinhou, em laçadas fronteiras, os líderes do movimento Pró-Colônia (que no estandarte exibiu o letrero Conferência Antiislamização) e os religiosos da Ditib (União Islâmica Turca). Os primeiros consideraram a edificação da mesquita um gesto de “humilhante islamização da Europa”. Os segundos, por sua vez, redargüiram: “os muçulmanos estão em Colônia há mais de 40 anos e ainda rezam nos fundos de suas casas” (Villaméa, 2008:96-97).

⁴ Ainda sobre o tema, Peirce (2005:45) considera como científica aquela inteligência cuja apreensão do conhecimento nasce da experiência.

A grande extensão de terra, tornada propriedade religiosa, assinala um processo de antinaturalização do espaço físico, previsto desde o Gênesis. O terreno culturalmente habitado deu origem a discursos dissonantes: lá, entre o homem e Deus e aqui, entre um e outro de filiação simbólica distinta. O tema, em que pese o vastíssimo rol de abordagens possíveis⁵, desemboca em águas de todo turvas e margeia nossas discussões sobre fluxo da informação⁶ versus códice⁷.

De que maneira?

As circunstâncias que envolvem a cidade de Colônia nos ajudarão a pensar a hipermídia como um lugar onde relações lógicas e formais são entremeadas por contextos estéticos. O que há de partilhável entre o território alemão e o ambiente hipermidiático não é evidente. O entre um e outro, sobre o qual nos debruçaremos, corresponde à noção de espaço. Não passarei ao largo da advertência que indica a semiótica da cultura como diapasão mais apropriado para o exame de interseções, evidentemente, culturais.

Por ora, basta que se acorde a atenção para o veio fenomenológico do exercício: abrir os olhos do espírito, olhar bem os fenômenos e dizer quais suas características, quer o fenômeno pertença a um sonho, ou uma idéia geral e abstrata da ciência. Adianta-se que a fenomenologia, quando levada para dentro do ciberespaço (e, especialmente, para o interior de ambientes hipermidiáticos), sofre complicações *sui generis* (não já a abordagem ser custosa por natureza). Allucquère Rosanne Stone (1991), no seu artigo *Will the real body please stand up*, antecipa:

Penetrating the screen involves a state change from the physical biological space of the embodied viewer to the symbolic, metaphorical “consensual hallucination” of cyberspace; a space that is a locus of intense desire for refigured embodiment.

⁵ Os estudos de Lótmán (1922 - 1993), sobretudo os desdobramentos do seu conceito de semiosfera, dão a ver uma série de perspectivas de análise. No artigo *As Esferas da Interculturalidade*, Mohammed Elhajji (in: MACHADO, 2007:205), medita sobre a questão da interculturalidade enquanto interseção (harmoniosa ou conflituosa) de referenciais e sistemas simbólicos distintos e seu compartilhamento (conjuntural, voluntário, espontâneo ou imposto por meio de estratégias ideológicas e discursivas) por grupos sociais humanos e diferenciados; a luz de conceitos concomitantes e aparentados de noosfera e semiosfera.

⁶ A maneira de Amálio Pinheiro, com a qual se ajusta a autora: abrupta efervescência de heterogeneidades simultâneas e contíguas, não dependentes diretamente de um centro ou substância unidirecionais (Pinheiro, 2004).

⁷ Texto, como no livro, mantido na sua natureza monosemiótica (Santaella, 2007:287)



Na esteira das discussões sobre o agenciamento homem e máquina, interessa-nos o específico da mudança perceptiva, tornada possível pelo “hibridismo do humano com algo, maquínico-informático, que estende o humano para além de si” (Santaella, 2007:38). É, pois, na relação interator e hipermídia que a cadeia de sentido não se vê prefigurada; via inversa, privilegia a conglutinação de diferentes matrizes da linguagem, abrاندando – ao fim e ao cabo – as particularidades que as caracterizam.

À perspectiva ocidental deveu-se a concepção do espaço como lugar mensurável, herança renascentista⁸, dado ao cálculo inequívoco da razão humana. Toda superfície, portanto, deixaria entrever o traçado euclidiano⁹, determinado por pontos, retas, ângulos e outras definições da geometria plana elementar. Onde quer que o olho humano assentasse haveria de descobrir seu duplo (em bosquejos de profundidade e volume), feito decalque imaginário, sobre o conjunto de limites físicos determinados.

A geometrização do espaço, empreendida pelo Renascimento, permite a antevisão de, pelo menos, dois decursos. Em primeiro, ao matematizar a dimensão espacial, ela deixa de responder por simples continente ou idéia inata (Ferrara, 2007:11) e passa a constituir representação. Em segundo, sendo representação, é recorte do objeto (Ferrara, *ibidem*), produto de uma seleção, parcialidade. A articulação triangular entre arte, tecnologias digitais e ciência ocidental pretende que aquela condição pseudomimética (Uno) seja substituída pelo conceito de tensão, lacuna, não-coincidência, inerente ao próprio Um (Zizek, 2008:18).

De acordo com Erwin Panofsky (apud Okano, 2007:205), a perspectiva pensaria o espaço como estrutura infinita, homogênea e imutável, qual seja a tradução do espaço psicofisiológico em matemático, ou ainda, objetivação do subjetivo. Em linhas gerais, o exercício de abstração espacial foi entornado para dentro do espaço concreto, de maneira a tornarem-se tal qual, para além da experiência fenomenológica. Bachelard (1996:7), aliás, contemporâneo de Panofsky, nas primeiras do seu *A Formação do Espírito Científico*, assinalou a arremetida (do real ao simbólico), quando traçando

⁸ O Renascimento (e a representação do espaço por meio de linhas e pontos) *não só assinala a emergência do espaço como experiência sensível, mas, sobretudo estabelece sua dimensão representativa através do desenho como matriz gráfica.* (Ferrara, 2007:12).

⁹ O tratado *Os Elementos*, autoria de Euclides de Alexandria, cuja datação provável é 300 a.C., consiste numa das obras mais examinadas (por matemáticos e filósofos), no que diz respeito ao estudo elementar da geometria.



exame acerca do geométrico da representação e suas conseqüências sobre o conhecimento científico:

O pensamento científico é (...) levado para “construções” mais metafóricas que reais, para “espaços de configuração”, dos quais o espaço sensível não passa, no fundo, de um pobre exemplo. O papel da matemática na física contemporânea supera, pois, de modo singular, a simples descrição geométrica.

O matematismo já não é descritivo e sim formador. A ciência da realidade já não se contenta com o como fenomenológico; ela procura o porquê matemático.

Aos espaços de configuração coube a tarefa de advogar o destino do avatar deífico maometano. O prefeito da cidade de Colônia, Fritz Schramma, votou pela construção da mesquita, mas, não antes de dar a ouvir opinião singular: é evidente que os muçulmanos precisam de um lugar atraente para rezar. Por outro lado, me incomoda o fato de pessoas viverem aqui há décadas e não falarem uma única palavra em alemão (Villaméa, *ibidem*).

O testemunho, como discurso, entrelaça duas visões de mundo distintas, ainda que não isoláveis, por que subordinadas uma a outra pelo caráter condicional. Se parece evidente e necessária, primeira vista, a criação de um espaço (1) para as preces maometanas, no espaço (2) da cidade alemã; breve exame posterior revela que, para tanto, seria apropriado que em espaço (2) territorial germânico, muçulmanos adotassem código lingüístico vernáculo, embaraçando – sobremaneira – ambos os espaços (1 e 2), tornados um, qual seja, homogêneo e imutável.

Quando, para fora da ortogonalidade renascentista, pensamos o espaço¹⁰ na sua dimensão fenomenológica (signo, portanto, dado à representação), nos deparamos com uma estrutura de caráter palimpséstico (que não subordina o tempo à regência verbal), polissêmica, formada por miríades de possibilidades e ancorada na lógica da imanência, qual uma invariável complicação de binariedades¹¹. Já uma figura como a do livro

¹⁰ De acordo com Ferrara (2007:12): conhece-se através de representações e o espaço é conhecido através das construtibilidades que o representam, desse modo, proporção compositiva, construção e reprodução constituem representações do espaço que, embora parciais, constituem possibilidades de apreendê-lo enquanto experiência fenomênica passível de operação cognitiva.

¹¹ Peirce (2005:23) chama complicação de binariedades ao conjunto de experiências passadas que determinam a razão. Todo fato que se apresenta ao pensamento humano é um *fait accompli*, ou seja, um pretérito que determina a esteira de pensamentos. Força bruta que supõe não apenas dois objetos relacionados, mas dois objetos que só podem



natimudo¹², em Pound, desvela a substância simbolóide¹³ da escrita alfabética, pondo a nu seu corpo tabular, cuja natureza de códice repousa entorpecida entre capas e atas.

3. INTERLÚDIO

Em meados de 2003, por indicação de Sérgio Sálvia Coelho, então crítico teatral do periódico Folha de São Paulo, fui assistir ao monólogo A Poltrona Escura. O espetáculo, composto por três novelas de autoria do italiano Luigi Pirandello, contou com exímia atuação de Cacá Carvalho e direção sem redundâncias de Roberto Bacci. Diante da experiência, dias passados, voltei ao crítico com a seguinte indagação:

- É possível que uma obra teatral peque por excesso? Que texto e interpretação sejam forças, brutalmente, concorrentes? Que eu, como espectadora, não saiba onde ancorar minha atenção: se na prosódia ou no tagarelar de músculos inquietos e grafias corporais?

Por qualquer razão não houve réplica. E a suspeita permaneceu quatro anos a descoberto.

Foi quando nos diálogos¹⁴, que pontuam as descobertas em torno do quase-tátil das Texturas Sonoras de Sérgio Bairon (2005), descobri algo que se assemelhava a uma solução: o intervalo entre os deslocamentos de sentido (i-locucionário¹⁵) como instante

ser pensados juntos, de tal forma que nenhum deles poderia ser removido sem destruir o fato que se supõe ser verdadeiro quanto ao outro.

¹² Fragmento do poema Envoi (1919), cujo verso diz assim, segundo tradução de Augusto de Campos: Vai, livro natimudo, / E diz a ela /Que um dia me cantou essa canção de Lawes: / Houvesse em nós / Mais canção, menos temas, / Então se acabariam minhas penas, / Meus defeitos sanados em poemas / Para fazê-la eterna em minha voz (...).

¹³ Tendo deslocado a questão para o campo da semiótica, recupera-se terminologia de Peirce, a fim de designar a função homólogica da escrita... (apud Campos, 1977:40).

¹⁴ Os Diálogos abrem cada uma das tramas sonoras e são marcados por um alguém que diz (a poesia, filosofia, semiótica, psicanálise, senso comum, etc.) e um outro alguém (ou o mesmo) que digo. Assim, menos para servir como ilustração que para aromar a pesquisa:

22 – o belo consiste na grandeza e na ordem?

Diálogos

Diz a poesia (Martin Heidegger) como filosofia: os sapatos abandonam seu estado de ocultação e revelam a sua essência: o ser útil.

Digo: Para Heidegger, podemos ver no quadro de Van Gogh, “Os Sapatos”, todas as características anunciadas acima. Ou seja, o cóisico da coisa, o útil do útil e a obra da obra. “A obra de arte nos fez saber o que é em verdade o sapato”. Na busca da realidade da obra de arte, para se encontrar de fato com a arte em seu elemento cóisico, invertendo o caminho clássico da interpretação da arte, devemos ir da obra à coisa. Nosso compartilhamento ontológico com a obra de arte está situado essencialmente no fato de pertencermos ao mesmo mundo.(Bairon, 2005:106)

¹⁵ O silêncio como Gestalt (Plaza, 2000:27). O silêncio como cabine de conferências.(Cortázar, 2006:8).



performático. Ao me ocupar com a construção de holofrases, que pudessem dar conta tanto do verbo falado quanto do corpo-escrita, rematei o feixe de espraiamento estético. Ao repertório lógico do meu pensamento a dissociação entre a palavra emitida e o emissor fez estridular a sirene do desacerto.

Diria Silvio Ferraz (apud Bairon, idem:14), no segundo prefácio¹⁶ da obra: um solfejo não nasce da partitura, das escalas musicais, mas da imaginação de escalas de sons. Meu impulso classificatório: herança da obsessão gramatical, exterminados – dicionário feito crucifixo - todos os solecismos. Então, desacerto, falso juízo, engano, erro. Segundo notação lexicográfica, desvio em relação a variedade padrão de uma língua. Pondo a nu o que diz o dicionarista, a idéia de incorreção pode ser medida pela escolha de um vocábulo, por exemplo, que habite o fora de certo conjunto oficial de outros vocábulos; já estes sancionados pelos dignatários da ortofonia.

O que dizer, assim, da escrita residual de Haroldo de Campos (apud Cesarotto: 2001:190), toda ela excedida para além da linha, grafemas imbricados, folgança ruidosa de fonemas mal-costurados às fibras do papel. Apresenta o trecho, do mesmo modo, o autor. Vou lê-lo, ou melhor, vou dá-lo, de seu escrito, a ouvir:

(...) passatempos e matatempos eu mentosuro pervago por este minuscoleante instante de minutos instando alguém e instado além para contecontear uma estória scherezada minha fada quantos fados há em cada nuga meada noves fora fada scherezada scherezada um história milnoitescontada(...)

As palavras *portmanteau*¹⁷ de Campos não participam do nosso estado de consciência esclarecido (...), caracterizado por conceitos gerais (Adorno, 2003:48). Via inversa, fazem crepitar a cadeia lógica do nosso pensamento. Aqui está o ponto nevrálgico do artigo: perquirir, no interior de ambientes hipermidiáticos, lugares de congeneridade entre sujeito e o objeto do conhecimento.

Ou fragmentos de frases que assumem sua condição de incompletude significativa (...). Sua estrutura é a do jogo sígnico, e seu sentido não se completa na sonoridade de suas manifestações, mas sim em sua condição existencial de corte (como entalhadura e como cortejo, eu diria), de ruptura e de irrupção (Bairon, 2006:5).

Por fim, observa Maffesoli (2007:179): não é verdade que a natureza tenha horror do vazio. Talvez até se compraza nele. O vácuo é também uma modalidade do ser. De maneira que o substancialismo, de tradição ocidental - não raras vezes - acha que dá a ver, quando, em verdade, encobre. Assim, como em Foucault, o não-oculto permanecerá não-visível (apud Deleuze, 1992:109).

¹⁶ O primeiro tem autoria de Olgária Matos.

¹⁷ O termo, criação do escritor Lewis Carroll (apud Eisenstein, 1990:15), tem em vista dois significados colocados em uma palavra, como se a palavra fosse uma mala portmanteau. Segue Carroll: pegue duas palavras, “terrível” e “horível”. Decida que dirá as duas palavras, mas não decida qual dirá primeiro. Agora abra a boca e fale. (...) se você tem o mais raro dos dons, uma mente perfeitamente equilibrada dirá “torível”.

Congeneridade, aqui, cumpre função particular e evoca – sobremaneira – a relação entre Signo e Objeto¹⁸. De acordo com Peirce (2005:47): todo Signo tem, real ou virtualmente, um Preceito de explicação segundo o qual ele deve ser entendido como uma espécie de emanção, por assim dizer, de seu objeto. Ora, se todo Signo carrega consigo um conjugado de significados possíveis (que, para o Signo, na relação consigo mesmo, implica em sua totalidade), logo, todo Objeto está contido no Signo que o representa¹⁹. Daí, buscar qualidades de congênere entre o sujeito da experiência e o objeto é, simplesmente, auscultar a máxima peirceana: signo é algo A, que denota algum fato ou objeto B, para algum pensamento interpretante C (apud Santaella, 2008:78).

A prática, como exercício da sentença logo acima, me parece possível por ordem da irradiação de campos de possibilidades, modalidade do signo estético, monádico e desempedido de prestar referência direta a algo externo (Santaella, 1994:178). Ao fim e ao cabo, nos ocupamos em carregar o ícone para dentro da articulação sígnica do constructo científico: reconciliação entre o *homme de lettres* e o artista, mediada pela única certeza de não haver palavra que se baste a si mesma²⁰.

Urdiduras comunicacionais multimidiáticas reivindicam novas aventuras do pensamento²¹. De sorte que quando a cadeia lógica da razão, antes catequizada pela matriz verbal, vê subtraídos seus velhos algoritmos, deixa – forçosamente - florescer outras formas de inteligibilidade. Os meios de comunicação, há quase duas décadas (ou desde o advento da World Wide Web²², em 1991), inauguram experiências dialógicas inéditas, que atravessam – de maneira fundamental – uma nova relação entre a imagem e a linguagem (Queáu apud Parente, 2001:91). Ambientes hipermidiáticos convidam a Comunicação, como disciplina e como objeto de estudo, a por em cena certa releitura teórica do conhecimento científico (Bairon, 2006:2) através de vetores de sentido não-lineares.

¹⁸ Para efeito didático, a cada Signo corresponderá um único Objeto. (Peirce, 2005:47).

¹⁹ Se um signo representa um objeto, então, necessariamente, ele (o signo) afeta uma mente (Peirce apud Santaella, 1983:58).

²⁰ (...) sempre lidar com a insuficiência das palavras, como na formulação de Claudel: “há um azul do céu que é tão azul que só o sangue é mais vermelho. Olgária Matos apud Bairon, idem:11).

²¹ Em Rosenstiehl (apud Leao, idem:46), o labirinto (metáfora usual que da conta da hipermídia como forma de navegação cujo trajeto e intrincado) não é uma arquitetura, uma rede no sentido de quem o projeta e o concebe, mas o espaço que se desdobra diante do viajante que progride, sem mapa na própria rede.

²² WWW representa a associação entre a Internet (nascida em 1969) e os arranjos hipertextuais. (Leão, idem:23)



4. PAUSA DE SEMIBREVE: O FRÊMITO DA DESCOBERTA

Pois o acontecimento singular não é simplesmente uma teimosa resistência contra a abrangente universalidade do pensamento, mas também o mais íntimo anseio do pensamento, a forma lógica de uma efetividade não mais cerceada pela dominação social e pelo pensamento classificador que nela se baseia:
a reconciliação do conceito com seu objeto.

Adorno

O vaticínio de Theodor Nelson, a Babel do Gênesis, os inextrincáveis meandros de Alexandria, o Mundaneun de Otlet... Tudo parece conforme as considerações de O Método IV. Diz Morin (1991:95): “renasce constantemente, na história do pensamento, a concepção do mundo sobre-real da Idéia ou do Número, que determina e guia nossa realidade”. Se quando todo conhecimento impresso é senão uma maneira de organizar o real e não o próprio real.

Quando e por que da vontade de ordenação humana subordinar, rédeas tão curtas, o real do qual se alimenta. Ou quase²³ como quer Maffesoli (2007:36), ao meditar sobre certo acidente na mecânica humana, nessa espantosa inversão que faz com que as coisas passem a dominar aqueles que deveriam ser seus possuidores. Quando e como, via inversa, do homem genérico ao hipercomplexo²⁴ e, a reboque, do verbo escrito à lógica hipertextual. Daremos cabo de um diminuto quinhão do nosso empreendimento.

De modo oblíquo, um esboço da noção de hipertexto.

5. NO PRINCÍPIO ERA O VERBO. E O VERBO SE FEZ CARNE E HABITOU ENTRE NÓS

Em seu livro 62 – Modelo para armar, o escritor Julio Cortazar adverte: o silêncio é uma cabine de conferências. A hipermídia, em igual monta, opera seus espaços vazios como Gestalt²⁵ ou unidades de percepção (Plaza, 2000:27). O intervalo

²³ O advérbio quer fazer recordar a noção de fato, em Peirce, como *fait accompli*. De modo que todo nosso conhecimento futuro parece, de alguma maneira, já determinado por modos de significação contidos no signo. Daí, o homem não possuir as coisas, por ser o senhorio irrealizável.

²⁴ As idéias de homem genérico e hipercomplexidade foram partilhadas da obra *O Enigma do Homem: Para uma Nova Antropologia*, MORIN, 1975.

²⁵ Pode-se reunir à noção de Gestalt os estudos de Eisenstein sobre a montagem cinematográfica. Diz o russo: a representação A e a representação B devem ser selecionadas entre os muitos possíveis aspectos do tema em desenvolvimento, devem ser procuradas de modo que a justaposição (grifo nosso) – isto é, a justaposição destes precisos elementos e não de elementos alternativos - suscite na percepção e nos sentidos do espectador a mais completa imagem deste tema preciso. (Eisenstein, 1990:49)



ou o entre é a realização de temporalidades. Não por que o entreato seja, necessariamente, semântico (como lugar de um sentido unívoco). Mas, por que é, necessariamente, semantizante (ou resultado de deslocamentos de sentido operados pelo interator). Sobre o tema, e tantas vezes a arte prediz a ciência, Pollock anuncia o verso (ou o certo) da sua condição ontológica: “eu não pinto a natureza, eu sou a natureza”.

Um ambiente hipermidiático é, grosso modo, a combinação entre a lógica do hipertexto e a trama de formatos multimidiáticos (quais sejam, textos, imagens, sons, vídeos, entre outros). Caracteriza-se, sobretudo, pela hibridização de linguagens. Pode ser (e aqui eu uso o condicional por que aparatos tecnológicos não têm ontologia. Dependem, ainda, de um sujeito interator. O termo interação é muitíssimo controverso. Interagir envolve ação mútua. O que nos remete, imediatamente, às questões sobre intersubjetividade. E a intersubjetividade, por sua vez, foi um problema para Sartre, Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger e, igualmente, para nós no interior da discussão sobre novas mídias. O intersubjetivo, por ordem da hipermídia, será pensado como alternativa à relação funcionário-aparelho inscrita na Filosofia da Caixa Preta, série de ensaios de Vilém Flusser).

Retomando. Um ambiente hipermidiático pode ser, ainda, um lugar onde relações lógicas e formais são convertidas em contextos estéticos. De que maneira? Tomemos um conceito, por exemplo, a afamada liquidez da pós-modernidade (carnavalizada na série de 5 volumes sólidos assinados pelo sociólogo Zygmunt Bauman). Como transmitir a noção de sociedade líquida sem lançar mão do encadeamento linear de letras no papel? Como descorporificar um conceito científico?

O corpo do conceito é pensado na sua dimensão de letra. O sistema verbal adentra-nos a identificar (e na falta, reclamar) uma ordem hierárquica, em que o complemento é precedido pelo predicado e este, pelo sujeito. Trata-se da instituição de um modo de pensar, certa maneira de fazer enxergar o entorno, na diacronia de uma régua datada. Como visualidade, a ambiência hipermidiática é uma forma de inteligibilidade e de representação do conhecimento. Como visibilidade, e a partir da perspectiva do cientificismo ocidental, é lugar de duplicação da subjetividade (na medida em que convoca o repertório do sujeito que navega), logo, espaço de tensão entre signo e sintaxe.



O objeto da comunicação, meus senhores, anda indomesticável! Não se aquieta diante do flash que pretende (i) maculá-lo para a eternidade. Bourdieu, citado por Ferrara (2008:2) alertou: “como é possível que a actividade científica, uma actividade histórica, inscrita na História, produza verdades trans-históricas, independentes da História, fora de qualquer relação com o lugar e o momento, portanto eterna e universalmente válidas?”.

Teorias nascem e morrem a fim de apaziguar as inquietações de determinada época. O vazio, entretanto, sempre foi compelido a falar. Nunca pôde ser vazio, simplesmente. Por quê? Por que a palavra é hierática. Ela salva. Ela dá nome. Identifica, classifica e arquiva. Bibliotecômanos, seguimos inventando um mundo que possa caber em prateleiras, a fim de consultá-lo oportunamente.

Assim, nossa impossibilidade de pensar um algo pode estar na inapetência para pensar sem palavras. O lugar onde as coisas todas poderiam avizinhar-se é, hoje, para nós, um sítio sintático inventado. Ele (o sítio) não está lá, propriamente. Mas, o fizemos miragem, um efeito óptico com potência suficiente para preencher o vão. É, invariavelmente, um espaço deveras minguado para tamanha vontade de abundância, própria do mundo.

O que sugere a hipermídia, ainda que timidamente, é pensar o mundo como metáfora. Que nosso mapa para apreensão dos sentidos, portanto, considere o esforço que a metáfora faz para gravitar sobre as informações imediatas. Nossa expedição não quer tocar o cântaro. Quer levar em conta, também em Borges, que cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem. Portanto, não pode ser deificado. O que implica não em procurar restabelecer a imagem que se desfaz nas águas do espelho d'água, mas partir da imagem agitada, embaciada, como provável esboço de uma nova condição.



Referências Bibliográficas:

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução: Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro, Contraponto, 2006.

BAIRON, Sérgio. Texturas Sonoras: áudio na hipermídia. São Paulo, Hacker, 2005.

_____. Tendências da Linguagem Científica Contemporânea em Expressividade Digital. In: Revista Cibertextualidades, Portugal - Porto, v. 1, n. 1, p. 83-104, 2006.

BASBAUN, Sérgio Roclaw. O primado da percepção e suas conseqüências no ambiente midiático. Tese de doutoramento apresentado ao Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo, 2005.

BORGES, Jorge Luis. O aleph. Tradução Davi Arrigucci Jr. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

DELEUZE, Gilles. Conversações: 1972 – 1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. Coleção Trans. São Paulo, Editora 34, 1992.

EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. Tradução de Teresa Ottoni. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Design Em Espaços. Coleção Textos Design. São Paulo, Edições Rosari, 2002.

_____. Espaços Comunicantes. Lucrécia D'Alessio Ferrara (ORG). Grupo ESPACC. São Paulo, Annablume, 2007.

_____. Radical Indeterminação: epistemologia e objeto científico da comunicação. Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, por ocasião do XVII Encontro da Compôs, São Paulo, junho de 2008. http://www.compos.org.br/data/biblioteca_349.pdf

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HAYAKAWA, S.I. O que significa estrutura aristotélica da linguagem? In: CAMPOS, Haroldo (ORG.). Ideograma: lógica, poesia, linguagem. Textos traduzidos por Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

LEÃO, Lúcia. O labirinto da hipermídia: arquitetura de navegação no ciberespaço. São Paulo, Iluminuras, 2005.

MACHADO, Irene (ORG). Semiótica da Cultura e Semiosfera. São Paulo, Annablume, Fapesp, 2007.

MAFFESOLI, Michel. O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução de Clóvis Marques. São Paulo, Editora Record, 2007.

MANGUEL, Alberto. A biblioteca à noite. Tradução: Samuel Titan Jr. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.



MORIN, Edgar. O enigma do homem: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

_____. O Método IV. As idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Tradução: Emílio Campos Lima. Biblioteca Universitária. Publicações Europa-América. Portugal, 1991.

OKANOI, Michiko. Ma: o espaço intervalar. In: FERRARA, Lucrécia D'Alessio (ORG). Grupo ESPACC. São Paulo, Annablume, 2007.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. Coleção Estudos. São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____. Escritos Coligidos (PENSADORES)

PETRY, Luís Carlos. Topofilosofia: o pensamento tridimensional na hipermídia. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC - SP, São Paulo, 2003.

PINHEIRO, José Amálio B. Por entre mídias e artes, a cultura. In: Revista Ghrebh, número 6, São Paulo, 2004. <http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh6/artigos/06amalio.htm>

PLAZA, Julio. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. In: Cadernos da Pós-Graduação. Instituto de Artes/Unicamp. Ano 4, volume 4, número 1, 2000.

SANTAELLA, Lucia. O que é semiótica? São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
_____. A assinatura das coisas: Peirce e a Literatura. Rio de Janeiro, Imago Editora LTDA, 1992.

_____. Estética de Platão a Peirce. São Paulo, Experimento, 1994.

_____. Comunicação & Pesquisa. 2ª. edição. Hacker, São Paulo, 2002.

_____. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo, Paulus, 2007.

_____. Metaciência como guia de pesquisa: uma proposta semiótica e sistêmica. Lucia Santaella e Jorge Albuquerque Vieira. São Paulo, Editora Mérito, 2008.

STONE, A. R. Will the Real Body Please Stand Up? In: Cyberspace: First Steps. Michael Benedikt (editor) Cambridge, MIT Press, 1991.

VILLAMÉA, Luiza. Templo da discórdia. Revista Isto é, número 2029, edição de 24/09/2008. <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2029/artigo102900-1.htm>

ZIZEK, Slavoj. A visão em paralaxe. Tradução: Maria Beatriz de Medina. São Paulo, Boitempo, 2008.